

Uma análise sobre a constituição do Serviço de Educação do Museu Paraense Emílio Goeldi (Belém-Pará)

An analysis of the constitution of the Education Service of the Museu Paraense Emílio Goeldi (Belém-Pará)

*Sabrina Silva Santos*¹

*Iván Borroto Rodríguez*²

*Ana Claudia dos Santos da Silva*³

Resumo: Este artigo visa analisar e refletir os primeiros anos (1980-1990) do percurso institucional do Serviço de Educação do Museu Paraense Emílio Goeldi, visto que apesar de ser responsável por realizar as atividades educativas do Museu ao público e ser relativamente antigo, ainda tem seu percurso institucional desconhecido. Por meio da metodologia qualitativa, realizamos uma pesquisa bibliográfica em artigos sobre a educação nos museus, análise documental nos relatórios de atividades do Museu Goeldi e jornal Destaque Amazônia da instituição e a entrevista semiestruturada e estruturada para os educadores em atividade e aposentados da equipe educativa. Constatamos que as mudanças institucionais dos primeiros anos, bem como o apoio das instituições de caráter nacional e regional, foram determinantes para o surgimento e a consolidação da Divisão de Museologia e Divisão de Educação e Extensão Cultural. Além de compreendermos que as ações educativas desenvolvidas no período estudado se constituíram em função dos projetos pessoais dos educadores em sintonia com as necessidades institucionais de abranger novos públicos, e/ou amenizar os conflitos criados pela própria instituição.

Palavras-chave: serviço de educação; museu goeldi; ações educativas; projetos educacionais.

Abstract: This article aims to analyze and reflect on the early years (1980-1990) of the institutional trajectory of the Education Service of the Museu Paraense Emílio Goeldi. Despite being responsible for carrying out the museum's educational activities for the public and having existed for a relatively long time, its institutional path remains largely unknown. Through qualitative methodology, we conducted bibliographic research on articles about education in museums, document analysis of Museu Goeldi's activity reports, and the institution's newspaper *Destaque Amazônia*. Additionally, we carried out semi-structured and structured interviews with both active and retired educators from the museum's educational team. We found that institutional changes during the early years, along with the support of national and regional institutions, were decisive in the emergence and consolidation of the *Divisão de Museologia* and *Divisão de Educação e Extensão Cultural*. Furthermore, we understand that the educational actions developed during the period studied were shaped by the personal projects of

¹ Universidade Federal do Pará. E-mail: sabrinamuseologia19@gmail.com

² Bolsista do Programa de Capacitação Institucional da Coordenação de Comunicação e Extensão do Museu Paraense Emílio Goeldi. E-mail: 8rotico@gmail.com

³ Técnica da Coordenação de Comunicação e Extensão do Museu Paraense Emílio Goeldi. E-mail: acsilva@museu-goeldi.br

educators, in alignment with the institutional needs to reach new audiences and/or mitigate conflicts created by the institution itself.

Keywords: education service; goeldi museum; educational activities; educational projects.

INTRODUÇÃO

O Museu de História Natural tem sua origem nas coleções de naturalia dos gabinetes de curiosidades espalhados pela Europa entre os séculos XVI e XIX (Kury; Camenietzki, 1997). Esses museus foram testemunhas das mudanças experimentadas pela História Natural, que provocaram transformações na organização dessas instituições. Nesse sentido, de acordo com Van Praet (1996), é importante destacar que com o desmembramento da História Natural nas Ciências Naturais, mediante um processo de disciplinarização, o Museu de História Natural passou a ter duas coleções principais: uma destinada à pesquisa, alocada nos espaços privados do museu; e outra para exposição no espaço público. Essa transformação é vista como um passo fundamental para o surgimento do modelo de Museu de História Natural Moderno, no século XIX.

Para McManus (1992), o Museu de História Natural do século XIX e início do século XX mantinha um forte vínculo com as disciplinas acadêmicas das universidades. Seu objetivo fundamental era contribuir para o conhecimento científico, embora o ensino público fosse uma constante nessas instituições. Os curadores das coleções possuíam poder absoluto e ocupavam cargos em igualdade de condições com o pessoal das universidades. No caso particular dos educadores, eles eram responsáveis por atender aos visitantes e pela interpretação verbal das exposições, sem participar da concepção e realização das mesmas.

Na segunda metade do século XX, embora o Museu de História Natural continuasse atrelado a uma museologia de coleções, ele começou a permitir a entrada de influências provenientes de áreas do conhecimento além das Ciências Naturais. Isso ocorreu porque, no período pós-guerra, surgiram inquietações e demandas sociais colocadas sobre os governos e as instituições públicas.

Segundo McManus (1992), o Museu de História Natural da segunda metade do século XX passou por transformações, com exposições mais atraentes, informações mais estruturadas e maiores possibilidades de interatividade, envolvendo de forma mais eficiente os visitantes. Além disso, segundo a autora, a função educacional dessas instituições ganhou destaque, tornando as ações educativas mais sofisticadas e com melhores recursos. No entanto, no Brasil, segundo Marandino (2009), embora os museus de história natural tenham sofrido mudanças com a introdução de novas tecnologias nos campos da museologia, comunicação e educação, essas mudanças não foram acompanhadas uniformemente por todos os museus.

De forma geral, é possível afirmar que, desde o século XIX, o Museu de História Natural percorre um caminho de transformações em direção ao desenvolvimento de sua função educativa. Nesse sentido, segundo Marandino (2009), os Museus de História Natural, preocupados com a educação e a divulgação científica, têm disponibilizado cada vez mais suas coleções aos visitantes.

O primeiro setor educativo em um museu foi criado na primeira metade do século XIX no Museu do Louvre, localizado na França, com o intuito de instruir e criar propostas educativas para os escolares. Já que estes passaram a acessar o museu após a abertura das coleções ao público geral e os curadores tinham dificuldades em mediar os conhecimentos apresentados nas exposições aos novos visitantes (Koptcke, 2001). Assim, os setores educativos só começaram a se consolidar nos museus europeus a partir do século XIX, tendo como principal função o atendimento ao público na visita às exposições (Machado, 2009). Na mesma sintonia, Cazelli, Marandino e Studart (2003) apontam ser em meados do século XIX que os museus passaram a se preocupar mais com a sua função educativa e comunicativa. Essa relação

educativa entre museus e a escola, segundo Machado (2009), foi desenvolvida no âmbito dos esforços para o progresso das nações.

Nessa perspectiva é importante destacar as Feiras Internacionais e Exposições Universais de meados do século XIX que serviram de influência para difusão da educação nos museus, sempre com foco na ideia do progresso e visando educar aos cidadãos por meio de suas coleções e acervos (Costa; Castro; Soares, 2020; Cazelli; Marandino; Studart, 2003).

Já no Brasil os setores educativos só começaram a se consolidar posteriormente. Sendo o Serviço de Assistência ao Ensino (SAE), fundado em 1927 no Museu Nacional localizado no Rio de Janeiro, o primeiro setor educativo institucionalizado no Brasil (Castro, 2019; Costa; Castro; Soares, 2020). Apesar de sua importância, o SAE, criado pelo diretor da instituição, na época, o professor Edgard Roquette Pinto, não fez com que surgissem mais setores educativos nas instituições museológicas brasileiras (Costa; Castro; Soares, 2020).

Nessa perspectiva, destacamos a história do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) o qual é uma das instituições museais mais antigas do Brasil. Fundado em 1866, na cidade de Belém-PA, O MPEG só incorporou suas atividades no âmbito científico em 1894, com a chegada do zoólogo suíço Emílio Goeldi (1859–1917) que se tornou o diretor do Museu (Sanjad, 2006). Em 1900 o Museu já realizava com regularidade conferências públicas contendo os resultados das pesquisas feitas pelos cientistas da instituição (Sanjad, 2008a). No entanto, o Museu só dispunha de uma equipe de profissionais para realizar essas ações na década de 1980.

Assim, com a consolidação do Setor de Museologia por volta de 1980 foi que surgiu o Serviço de Educação (SEEDU) do Museu Goeldi, sendo este o responsável por realizar as atividades e projetos educativos com o público. Porém, apesar de sua importância na função educativa do Museu, o seu percurso institucional é desconhecido. As informações sobre o Serviço de Educação encontram-se dispersas em relatórios do Museu, jornais e arquivos pessoais dos funcionários, além de não haver pesquisas acadêmicas específicas sobre ele. Sendo este um fato preocupante, pois assim como conceitua Chagas (2011), sobre a memória e poder, a história do Serviço de Educação do MPEG pode acabar entrando em esquecimento, enfraquecendo a função educativa na sua relação com as outras funções do Museu. Por outro lado, a construção da memória e o legado institucional na área educativa dos museus é um passo fundamental para a consolidação da formação dos profissionais da área, bem como a qualificação das suas práticas (Castro, 2019).

Este problema não é um fato isolado, visto que, estudos sobre os setores educativos de museus no Brasil também são pouco abordados na literatura acadêmica. Machado (2009) discute essa lacuna em sua pesquisa ao falar que não foram encontrados trabalhos acadêmicos até 2006 que refletiam e analisavam a formação das equipes educativas e constituição dos setores educativos. O que constatamos mediante uma pesquisa bibliográfica realizada no Portal de Periódicos da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) em 2022.

Por meio das palavras-chave (Departamento educativo; Equipe educativa; Grupo educativo; Setor educativo; Serviço educativo) obtivemos 16 resultados no idioma português, no entanto, após a leitura destes concluímos que somente um artigo, publicado em 2022, discutiu especificamente a formação de uma equipe educativa de museu no Brasil .

Pensando nisto, este trabalho aspira analisar e refletir a formação do Serviço de Educação do Museu Paraense Emílio Goeldi, durante a década de 80 e 90. Visto que, apesar de ser um Setor importante, por realizar os projetos e ações educativas do Museu com o público e ter aproximadamente 40 anos, nunca havia tido o seu percurso institucional descrito e analisado.

O MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

A Região Norte do Brasil foi o palco de uma série de expedições científicas realizadas por estrangeiros ao longo do século XIX, sendo a Amazônia a principal região estudada por eles, ainda que inexplorada pelos cientistas nacionais. Nessa perspectiva, intelectuais locais buscaram a ajuda do secretário do estado do Pará, na época Domingos Soares Ferreira Penna, para criar um museu nacional de história natural (Schwarcz, 2013).

Então, em 1866 é criado o Museu Paraense pela Associação Philomática, um grupo de homens ilustrados, porém sendo extinto em 1889 e reinstalado somente em 1891, passando por uma reformulação três anos depois pelo zoólogo suíço Emílio Goeldi a mando do governador Lauro Sodré (Sanjad, 2008b). Graças a exportação do látex o então diretor Emílio Goeldi teve condições de reestruturar a instituição, criando uma nova sede para o Museu, com um horto botânico e jardim zoológico (Parque Zoobotânico), além de contratar uma equipe de cientistas, instalar laboratórios, realizar exposições, criar coleções e publicar livros e periódicos (Sanjad, 2008b). Ainda segundo o autor, o Parque Zoobotânico, inaugurado em 1895, recebeu com regularidade inúmeros visitantes desde sua abertura.

Além do Parque Zoobotânico em Belém, o Museu ainda tem outras bases físicas, sendo elas: o Campus de Pesquisa, que segundo Quadros (2019) foi criado em 1978 no bairro da Terra Firme em Belém, e a Estação Científica Ferreira Penna, localizada na Floresta Nacional de Caxiuanã (PA), inaugurada em 1993 (Sanjad, 2008b). O Parque abriga o Aquário Jacques Huber; o Pavilhão Domingos Soares Ferreira Penna, conhecido como Rocinha; o Centro de Exposições Eduardo Galvão (onde são apresentadas as exposições desde 2021); e a Biblioteca de Ciência Clara Maria Galvão (Monaco, 2013). E ainda abriga, também, os prédios administrativos e coordenações presentes no Parque Zoobotânico, sendo que é na Biblioteca Clara Maria Galvão que está localizado atualmente o objeto de estudo desta pesquisa, o Serviço de Educação do MPEG.

METODOLOGIA

Este trabalho se baseou no uso da pesquisa qualitativa, que proporciona o uso de diferentes procedimentos e instrumentos de coleta de dados pelo pesquisador (Mazzotti; Gewandsznajder, 1999). Nesse sentido, focamos em utilizar os métodos de pesquisa bibliográfica, análise documental e entrevista. Esses métodos, segundo as autoras Marandino et al., (2009) e Mazzotti e Gewandsznajder (1999) são os mais utilizados na pesquisa qualitativa.

Iniciamos o processo metodológico por meio da pesquisa bibliográfica, que, segundo Junior et al. (2001), tem como foco a análise de documentos com tratamento analítico, como artigos e livros. Esse método foi útil para conhecer o estado da arte sobre o tema em questão, bem como para identificar investigações que pudessem ser utilizadas na discussão dos resultados.

Posteriormente, implementou-se o método de análise documental, que, conforme Ludke e André (1986), permite a obtenção de dados e informações que não podem ser alcançadas por meio das pessoas envolvidas no contexto da pesquisa. Com isso, realizamos a análise documental dos Relatórios de Atividades do Museu, contidos no Campus de Pesquisa do Museu Paraense Emílio Goeldi localizado no bairro da Terra Firme em Belém. Foram lidos os relatórios de 1974 até 1998, pois só havia os documentos até este ano no Arquivo. Enfatizamos também que a partir do relatório de 1989 observamos uma diminuição progressiva de informações sobre o Serviço de Museologia e, especialmente, sobre os projetos educativos que eram realizados. Assim, visamos identificar nos relatórios mudanças institucionais que contribuíram para constituição do Serviço de Museologia, bem como as atividades educativas realizadas pelo Museu. Além dos relatórios, também analisamos o Jornal Destaque Amazônia, publicado pelo MPEG e disponibilizado em formato digital no site do Museu.

Após a análise documental, procedemos com a etapa das entrevistas. Inicialmente, optamos por utilizar a entrevista semiestruturada, caracterizada por seguir um roteiro flexível, proporcionando ao entrevistador maior autonomia para realizar ajustes conforme necessário durante a entrevista (Ludke; André, 1986). Para esta, foi elaborado um material de apoio para os entrevistados, no qual continha em ordem cronológica os principais projetos realizados pelo Serviço de Museologia e pelo Serviço de Educação.

Foram entrevistados três educadores do Serviço:

Entrevistado 1: Ocupou a chefia do setor por 20 anos; biólogo e educador há mais de 30 anos.

Entrevistada 2: Aposentada, bióloga, trabalhou como coordenadora da coleção didática por aproximadamente 30 anos.

Entrevistada 3: Chefe do setor educativo desde 2017; licenciada em turismo e doutora em ciências socioambientais.

Posteriormente, realizamos a entrevista estruturada ou padronizada (Ludke; André, 1986) com o primeiro entrevistado, na qual foi elaborado um roteiro contendo perguntas mais específicas sobre alguns dos projetos citados na primeira entrevista.

Ao longo do processo metodológico realizamos a triangulação de fonte e de método (Mazzotti; Gewandsznajder, 1999). Sendo a fonte: os testemunhos dos três entrevistados e os relatórios; e o método: a análise documental e a entrevista.

CONSTITUIÇÃO DO SERVIÇO DE MUSEOLOGIA E A ORIGEM DA DIVISÃO DE EDUCAÇÃO E EXTENSÃO CULTURAL

Em seu artigo, as autoras Monaco e Marandino (2015) discutem que a equipe educativa do Museu Goeldi começou a se constituir em 1980 por meio da Divisão de Museologia (DMU). Assim, com intuito de entendermos como se deu a formação do DMU começamos a analisar os Relatórios de Atividades do Museu desde 1974, sendo que a partir disso conseguimos descobrir que a Divisão de Museologia foi criada em 1982, tendo sido nomeada institucionalmente somente em 1983.

Por meio da análise dos relatórios constatamos que a origem do DMU está diretamente ligada às mudanças institucionais ocorridas em 1983, quando o MPEG deixou de estar vinculado ao Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA) e passou a ser subordinado à administração central do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). A partir dessa mudança administrativa, o Museu passou a ter atividades educativas mais diversificadas, bem como projetos educativos e de pesquisas para o desenvolvimento da região Amazônica.

A Divisão de Museologia promovia exposições, seminários e cursos, objetivando o desenvolvimento educacional, aprimoramento cultural do público visitante e difusão científica do conhecimento produzido pela instituição (Museu Paraense Emílio Goeldi, 1983). A partir disso, entendemos que a DMU foi a responsável pelas ações educativas de atendimento ao público neste ano. Esta se torna uma reflexão importante para esta pesquisa, pois inferimos que antes de surgir oficialmente o Serviço Educativo do Goeldi as atividades educativas já eram realizadas por uma Divisão. No entanto, ressaltamos que o relatório de 1983 não cita quais foram essas exposições, cursos e seminários promovidos nessa época.

Segundo Quadros (2020), o museólogo baiano Ildo Barbosa Teixeira foi o primeiro chefe da Divisão de Museologia, e responsável por montar uma equipe multidisciplinar de bolsistas do CNPq, sendo eles pedagogos, jornalistas, arquitetos e museólogos para o desenvolvimento das atividades da Divisão. Além disso, as primeiras mudanças ocorridas na DMU aconteceram na gestão do diretor José Seixas Lourenço, assumindo posteriormente em 1985 o diretor

Guilherme de La Penha (Museu Paraense Emílio Goeldi, 1984).

A Divisão de Museologia surgiu com o objetivo principal de criar trabalhos voltados às necessidades culturais e científicas da comunidade, principalmente de assistência à educação e ensino das escolas (Museu Paraense Emílio Goeldi, 1984), um fato comum visto que, apesar de cada “museu organizar as suas atividades de acordo com suas especialidades” eles geralmente desenvolvem suas “ações pedagógicas específicas para os estudantes” (Quadros, 2000, p. 1). Assim, a equipe foi responsável pelos programas voltados às escolas e ao público de visitantes do Parque Zoológico, sempre em diálogo com os pesquisadores do MPEG (Monaco; Marandino, 2015).

A partir disso o Museu Goeldi começou a realizar programações culturais ao público segundo o calendário cultural do estado (Museu Paraense Emílio Goeldi, 1984). Sendo a equipe da Divisão de Museologia os responsáveis pela criação do Calendário Anual do MPEG conforme as datas comemorativas (Quadros, 2000). Além disso, os outros departamentos do Museu também auxiliavam a equipe no desenvolvimento dessas atividades, como enfatizado no jornal.

Em 1983, várias atividades foram desenvolvidas, montadas de acordo com a programação básica do calendário anual da Instituição, e organizada por todos os Departamentos do Museu (Destaque Amazônia, 1984, p. 4).

Desta forma inferimos que as semanas comemorativas eram eventos culturais que agrupavam a maioria das atividades educativas realizadas durante o ano em função de datas comemorativas. Durante esses dias eram realizadas visitas às exposições, seminários, palestras e cursos, sendo realizadas por meio do apoio recebido dos setores governamentais e organizações sociais do Estado. É importante enfatizarmos que as semanas comemorativas são eventos que ocorrem até hoje na instituição.

Dentre os diferentes eventos, exposições e reuniões científicas que a DMU realizou ao longo de 1984, nós destacaremos também neste trabalho o Projeto de Melhoria de Ensino de Ciências e Matemática do Estado do Pará, pois ele foi “pioneiro para as atividades educativas no Museu” (Quadros, 2000, p. 3).

Em seu trabalho, Quadros (2000) discute a importância deste projeto na formação da equipe educativa e na criação e implementação das ações educativas do Museu. O Projeto de Melhoria de Ensino de Ciências e Matemática, elaborado em 1983 pela pedagoga do Museu Paraense Emílio Goeldi, Therezinha Veiga Cunha de Mendonça, e pela professora da Universidade Federal do Pará (UFPA), Terezinha Valim Oliveira Gonçalves, tinha como objetivo, no MPEG, complementar as ações curriculares das escolas de 1º e 2º grau da capital, por meio de palestras e cursos, sendo conhecido no Museu como Projeto de Apoio ao Ensino (Quadros, 2000). Segundo a autora, o projeto foi financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior (CAPES) e Programa de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (PADCT), sendo administrado pela Fundação de Amparo ao Desenvolvimento da Pesquisa (FADESP), a partir do convênio assinado pelas duas instituições (MPEG e UFPA).

Em sua dissertação, Gonçalves (2000) discutiu a origem do programa a partir de 1983, quando a CAPES lançou o Projeto Melhoria do Ensino de Ciências e Matemática com intuito de financiar os projetos nas diferentes regiões do Brasil. Após a aprovação do mesmo para o financiamento, o Projeto de Melhoria de Ensino de Ciências e Matemática passou a ser desenvolvido para os professores do estado do Pará e a ser considerado um programa interinstitucional (Gonçalves, 2000).

De acordo com o jornal (Destaque Amazônia, 1984) o projeto no Museu Goeldi foi coordenado pelo museólogo Wagner Lima em 1984, da Divisão de Museologia, com a previsão

de durar 5 anos. Sobre estes dados é importante observarmos que um programa nacional acabou colaborando e potencializando o desenvolvimento da estrutura institucional do Museu na Divisão de Museologia.

Observamos pela análise dos Relatórios de Atividades do MPEG uma grande quantidade de citações sobre o Projeto de Melhoria de Ensino de Ciências e Matemática, porém com poucas explicações sobre o funcionamento do mesmo. Ao falar sobre o início de sua atuação no Museu, o entrevistado 1 discutiu as atividades que a equipe realizava por meio do projeto:

Como eu cheguei aqui? Havia um projeto chamado Laboratório Pedagógico de Ciências e Matemática, e eu fui selecionado para participar desse projeto como estagiário. Eu entrei em 1985, em janeiro de 1985, entrei para trabalhar no Setor de Educação⁴ nesse Laboratório Pedagógico de Ciências e Matemática. [...] Nós nos amontoávamos em um espaço muito pequeno, e eu cheguei aqui em fevereiro e quando era abril era comum o Museu comemorar as Semana Comemorativas (Entrevistado 1, concedida em 2023).

A entrevistada 2 também comentou sua participação no projeto:

Em janeiro de 85 eu passei do Departamento de Zoologia para a Divisão de Museologia. E lá fui bolsista do Laboratório Pedagógico de Ciências e Matemática. Quando eu passei para lá, a minha primeira proposta de trabalho foi montar uma coleção didática, porque eu já tinha sido estagiária do Departamento de Zoologia e já tinha aprendido algumas coisas, e observava que o Departamento de Museologia tinha as coleções científicas, que tinham grande importância. Mas elas eram destinadas a pesquisadores, técnicos e estagiários de nível superior. Então, na época, eu pensei o quanto seria importante montar uma coleção didática para atender aos professores e alunos de 1º e 2º graus na época (Entrevistada 2, concedida em 2023).

No relatório de 1985 são citadas as atividades realizadas pelo Projeto de Melhoria ao Ensino de Ciência e Matemática, como observado no quadro 1.

Quadro 1. Eventos realizados em 1985 pelo Projeto Laboratório Pedagógico de Ciências e Matemática para os estudantes da rede pública do estado.

Eventos	Total de Participantes
Semana do índio	-
Semana do meio ambiente	260 alunos
Semana do folclore	1.825 alunos
Semana da árvore	450 alunos
Semana da criança	671 alunos
Exposição de fotovarial	614 alunos
Exposição itinerante de arqueologia	353 alunos

Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados coletados do Relatório de Atividades do Museu Paraense Emílio Goeldi, 1985 (Acervo do Arquivo Guilherme de La Penha).

⁴ Destacamos que nessa época apesar do entrevistado citar o Serviço Educativo, ele ainda não havia sido institucionalizado. Porém, observamos a partir disso que já existiam pessoas da instituição que se identificavam como parte de um grupo com funções educativas, mesmo que não oficial, que realizavam os projetos com as escolas.

Desta forma, por meio das entrevistas e dos dados do quadro acima, entendemos que no Museu o Projeto de Apoio ao Ensino visava realizar as atividades educativas nas semanas comemorativas principalmente com o público escolar. De acordo com Quadros (2000, p.3)

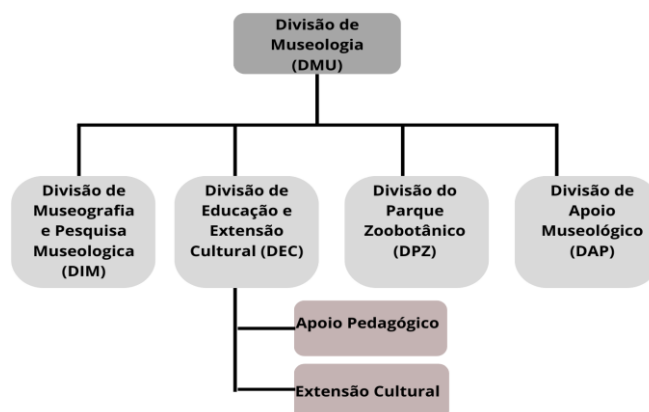
A primeira ação da pedagoga⁵ foi distribuir a equipe, ficando uma parte com as exposições e a outra atuando no projeto, com o propósito de expandir e organizar a atuação do MPEG no campo educacional e cultural (Quadros, 2000, p. 3).

Podemos observar por meio da citação, que a partir dessa separação já começava a se formar a equipe educativa na própria Divisão de Museologia, que ficaria responsável pelos projetos educativos posteriormente.

Assim, o projeto foi importante para formação da equipe educativa do Museu, pois como observado nas entrevistas e enfatizado por Quadros (2000), parte dos estagiários e funcionários vieram atuar no Projeto de Apoio ao Ensino. Inclusive, Quadros (2000) destaca a importância desse projeto como precursor do Setor Educativo do Museu, com a estruturação da equipe e atividades educativas. Ainda é importante enfatizarmos que parte dos estagiários que atuaram na Divisão de Museologia entre 1982 a 1985 se tornaram membros permanentes da instituição (Monaco; Marandino, 2015). Observamos também, por meio da entrevista, que o projeto acabou proporcionando à equipe implementar seus próprios projetos educativos, como a criação da Coleção Didático-Científica. Atualmente chamada de Coleção Didática Emília Snethlage, montada por meio do acervo do Museu para os professores e estudantes do 1º e 2º graus na época, tendo como objetivo “complementar suas tarefas escolares, centrada na proposta básica de despertar-lhes o espírito científico” (Secco, 1991, p.52).

É somente em 1986 que é institucionalizada uma Divisão específica para o desenvolvimento das atividades educativas e culturais do Museu Goeldi. A Divisão de Museologia, visando aperfeiçoar seus projetos e operacionalizar suas linhas de atuação, criou 4 áreas de atuação (Figura 1).

Figura 1. Organograma das áreas da Divisão de Museologia em 1986.



Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados coletados do Relatório de Atividades do Museu Paraense Emílio Goeldi, 1986 (Acervo do Arquivo Guilherme de La Penha).

De acordo com as entrevistas, essas mudanças ocorreram na coordenação da Denise Hamú, na época formada em Relações Internacionais e em História pela Universidade de Brasília, que ficou à frente da DMU até 1989. Dessa forma, a Divisão de Educação e Extensão Cultural (DEC) foi a responsável por realizar as atividades de difusão científica, implementar os

⁵ A autora se refere a pedagoga Therezinha Veiga Cunha de Mendonça, que foi a idealizadora do Projeto de Apoio ao Ensino no Museu Paraense Emílio Goeldi.

programas educativos e culturais e realizar a manutenção da biblioteca infanto-juvenil (inaugurada em 1987) e da coleção didática (Museu Paraense Emílio Goeldi, 1986).

Ainda, como observado na figura 1, o DEC era subdividido em duas áreas: o Apoio Pedagógico, responsável pelo Laboratório Pedagógico de Ciências e Matemática e pelas atividades e eventos educativos conforme o calendário científico e cultural do Museu; e a Extensão Cultural, responsável por divulgar as pesquisas, do Museu, para o público geral (Museu Paraense Emílio Goeldi, 1986). Além disso, o DEC ainda era o responsável por realizar as Visitas Programadas que objetivavam “fazer um circuito de visitas no Parque Zoobotânico do Museu com os estudantes das escolas públicas e privadas do Estado” (Destaque Amazônia, 1987, p. 7). Os estudantes da 1ª série até a 8ª série, eram acompanhados pelos monitores do Museu e a cada mês era escolhido um tema para se trabalhar nas Visitas, além da realização de jogos educativos e palestras sobre os temas. As Visitas Programadas também faziam parte dos programas educativos inseridos no projeto Laboratório Pedagógico de Ciências e Matemática.

Dessa forma, a partir da criação de novas áreas, cada Divisão da DMU passou a ser responsável por atividades específicas, para que assim pudesse haver uma melhor organização dos projetos. Assim, por exemplo, a Divisão de Apoio Museológico foi a responsável por fornecer a infraestrutura básica para o funcionamento das exposições e demais atividades desenvolvidas pela Divisão de Museologia, sendo responsável pela manutenção das exposições, levantamento estatístico e análise do público visitante do Museu, principalmente aqueles que visitam as exposições (Museu Paraense Emílio Goeldi, 1987). Como enfatizado pela entrevistada 3.

A gente dava apoio, dava suporte às exposições, a gente atendia o público em geral. Fazíamos a contagem do público, fazia toda a estatística de visitação de público com relação aos ingressos de todas essas áreas que eu falei [...] eram ações específicas relacionadas ao público, mas que não tinham relação com a educação. Nós não atendíamos as escolas, quem atendia era a Divisão de Educação quando foi criada (Entrevistada 3, concedida em 2023).

É no ano de 1987 que a Divisão de Museologia se tornou um Departamento, sendo importante como área indispensável do Museu (Museu Paraense Emílio Goeldi, 1987). Neste mesmo ano, o Departamento de Museologia por meio de suas Divisões realizou a recuperação do Pavilhão Domingos Soares Ferreira Penna e da Biblioteca Clara Maria Galvão, local onde se realizavam parte das atividades educativas do DEC.

A Biblioteca Clara Maria Galvão, inaugurada em 1987 e localizada no Parque Zoobotânico, foi importante para o fortalecimento das atividades realizadas pelo DEC (Museu Paraense Emílio Goeldi, 1987). A Biblioteca visava dar apoio aos programas educativos, para difundir o conhecimento científico na formação dos jovens. Desta forma, as atividades eram voltadas para os alunos e professores do ensino fundamental das escolas, sendo importante enfatizar que sua criação também está relacionada à demanda dos visitantes que buscavam uma biblioteca infanto-juvenil no Museu, como citado no jornal.

Há muito uma reivindicação da comunidade infanto-juvenil que frequenta o Parque, a Biblioteca “Clara Maria Galvão” vem se integrar à proposta do Museu de oferecer alternativas não formais aos estudantes (Destaque Amazônia, 1987, p. 6).

Atualmente, o Serviço Educativo está localizado na Biblioteca Clara Maria Galvão, que reúne um acervo de livros, periódicos e folhetos, além das cartilhas, jogos e *kits* produzidos pelos alunos do projeto Clube do Pesquisador Mirim, criado em 1997 (Sanjad, 2008b).

Em síntese, a origem do DMU esteve intrinsecamente ligada às transformações institucionais de 1983, quando o Museu se desvinculou do INPA passando a subordinar-se ao CNPq. Durante esse período o CNPq viabilizou as condições financeiras para a contratação de um grupo de bolsistas, os quais desempenharam papéis essenciais no DMU e, ao longo do tempo consolidaram-se como servidores públicos da instituição. Paralelamente, o Projeto de Melhoria do Ensino de Ciências e Matemática no Estado do Pará, realizado em colaboração com a Universidade Federal do Pará e também financiado pelo CNPq, desempenhou um papel crucial na estruturação inicial da equipe educativa, contribuindo para a formação dos futuros educadores.

A partir de 1986 a DMU diversificou sua estrutura interna criando novos grupos e por momentos extinguindo outros com o objetivo de aprimorar seus projetos e operacionalizar suas linhas de atuação. Como parte desse movimento, na mesma data apontada surgiu a equipe educativa do Museu que se consolidou com o nome de Divisão de Educação e Extensão Cultural (DEC), sendo responsável por realizar as atividades de difusão científica e implementar os programas educativos e culturais da instituição.

OS PRIMEIROS PROJETOS E AÇÕES EDUCATIVAS

Após as transformações ocorridas na DMU, passando de Divisão para Departamento, a Divisão de Educação e Extensão Cultural, na época de 1987 coordenada por Helena Quadros (Destaque Amazônia, 1987), realizou uma série de novos projetos, tais como: o Clube de Ciências e Cultura do MPEG, que posteriormente veio a se tornar o Clube do Pesquisador Mirim; o Museu Leva Ciência à Periferia, que influenciou na criação do projeto Portas Abertas; e a Coleção Didática-Científica. Discutiremos previamente sobre cada um, dado sua importância como os primeiros projetos do DEC após a Divisão de Museologia se tornar Departamento, além de terem servido de base para outros projetos realizados até hoje pelo Museu Goeldi.

O projeto Clube de Ciências e Cultura do MPEG tinha como objetivo a utilização da produção científica do Museu na orientação e aprendizagem de ciências no 1º grau (Museu Paraense Emílio Goeldi, 1987). Segundo Quadros (2000) o projeto acabou tendo suas atividades paralisadas em 1988, ressurgindo somente em 1997 como Clube do Pesquisador Mirim. Nesse sentido, é importante ressaltar que o idealizador do Clube do Pesquisador Mirim, quando estudante, foi educador do Clube de Ciência e Cultura. É a partir dessa relação, da possibilidade de colocar em prática novamente saberes educativos, que entendemos a continuidade expressa pela autora. Esse parecer encontra sustento na fala do entrevistado 1 quando argumenta sobre a ideia original de construir um produto como resultado das oficinas do pesquisador mirim.

A construção do produto já foi no tempo do Clube de Ciências. Por quê? Porque no Clube de Ciências eu construí a primeira cartilha [...], chamada de “Observação do Comportamento da Jiboia”. Foi uma cartilha escrita toda à mão na qual realizei recortes (Entrevistado 1, concedida em 2023).

O Museu Leva Ciência à Periferia foi um projeto que se desenvolveu para amenizar os conflitos que estavam havendo entre os moradores da Terra Firme que foram contra a implementação do Campus de Pesquisa do Museu Goeldi em 1978 no território (Quadros, 2000). Segundo a autora, a direção do Museu passou a ficar preocupada com as frequentes depredações feitas no Campus de Pesquisa, em 1985, pelos moradores. Solicitando então, à Divisão de Museologia, a elaboração de um projeto educativo com os residentes do bairro que ajudasse a melhorar a relação do MPEG com os moradores. Assim, o projeto realizava uma série de atividades e visitas ao Campus de Pesquisa e ao Parque Zoológico para:

[...] as pessoas da comunidade e dos alunos das escolas mantidas pelos Centros Comunitários Da Paz, Bom Jesus e Santa Cruz, (que ficaram representando o bairro da Terra Firme) (Quadros, 2000, p. 10).

A entrevistada 3 também comentou sobre o desenvolvimento deste projeto:

Nesse período o Museu começou a se mudar para a Perimetral, havendo então um conflito com os moradores da Terra Firme [...]. A pedagoga foi para lá e começou a se reunir com eles, e lá começou a fazer várias atividades educativas com os moradores. Primeiro criou o ingresso comunitário, que era um ingresso que dava direito uma vez na semana a essas pessoas que moravam nos bairros periféricos virem para o Museu sem pagar nada. [...] Então lá eles começaram a fazer hortas com os moradores, começaram um trabalho que depois resultou no Festival de Gastronomia, que era alimentação saudável, trabalhado com as mulheres (Entrevistada 3, concedida em 2023).

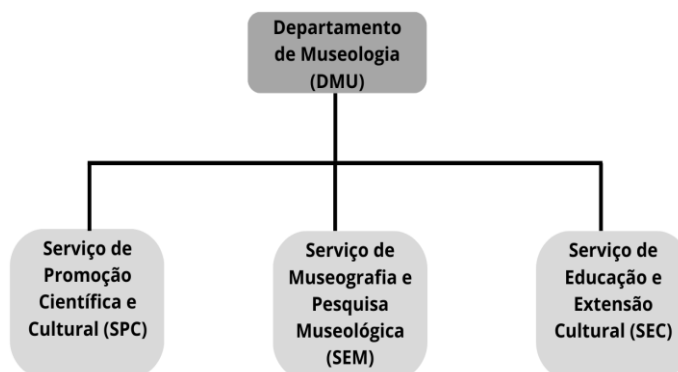
Em seus trabalhos, Quadros (2000; 2019) estabelece a origem do Museu Leva Ciência a Periferia no ano de 1985, porém descrições sobre este projeto só começaram a surgir nos Relatórios de Atividades do Museu a partir de 1987. Este projeto ainda serviu de base para o programa Portas Abertas, que vem sendo realizado no Museu, como afirma a entrevistada 3:

Então ela começou a levar as pessoas para conhecer os setores do Museu, para verem o que o Museu fazia. E esse projeto acabou sendo o embrião do que a gente tem hoje no Museu de Portas Abertas (Entrevistada 3, concedida em 2023).

Já a Coleção Didática-Científica começou a ser organizada a partir de 1985 por uma das educadoras que trabalhavam no Laboratório Pedagógico de Ciência e Matemática. O projeto visava montar uma coleção didática com o acervo científico do MPEG que atendesse os professores e alunos da rede pública e privada do Estado (Secco, 1991).

Ainda em 1987, a DMU passou por uma nova reformulação (Figura 2), se dividindo em 3 serviços de atuação: o Serviço de Promoção Científica e Cultural (SPC); o Serviço de Museografia e Pesquisa Museológica (SEM); e o Serviço de Educação e Extensão Cultural (SEC) (Quadros, 2000).

Figura 1. Organograma das áreas do Departamento de Museologia em 1987.



Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados coletados do Relatório de Atividades do Museu Paraense Emílio Goeldi, 1987 (Acervo do Arquivo Guilherme de La Penha).

Assim, como observado na figura acima, a DEC passou de Divisão para Serviço de Educação e Extensão Cultural, ainda tendo como objetivo realizar os programas e projetos

educativos, coordenado em 1988 por Lourdes Bastos. Além disso, essa nova reformulação no Departamento de Museologia fez com que os funcionários das Divisões extintas fossem para os outros Serviços do Museu, como destacado pela entrevistada 3.

Esse Setor em que eu trabalhava, que era o Serviço de Apoio, foi extinto, então eles deram a oportunidade das pessoas que trabalhavam lá optar, ou ficavam aqui dentro da museologia ou seguiam para outro setor (Entrevistada 3, concedida em 2023).

A DMU realizou o projeto Educação em Ciências, financiado pela Fundação Ford e dividido nos cinco subprojetos: a Coleção Didática-Científica; O Museu Leva Ciência à Periferia; Clube de Ciência e Cultura; Aprendendo a Pesquisa Escolar, realizado na Biblioteca Clara Maria Galvão; e o Museu Vai à Praia (Museu Paraense Emílio Goeldi, 1989). Inferimos que o projeto Educação e Ciências também foi um meio do Museu conseguir recursos para financiar os subprojetos que já estavam sendo desenvolvidos. Se agrupou todos em um único grande projeto, muito semelhante ao Laboratório de Ciências e Matemática, que também financiou os vários projetos educativos realizados no MPEG.

O subprojeto Aprendendo a Pesquisa Escolar era realizado pela equipe da Biblioteca Clara Maria Galvão e tinha como objetivo divulgar os serviços oferecidos na biblioteca às escolas públicas e privadas do 1º e 2º graus, orientando e incentivando os alunos a leitura e pesquisa científica (Museu Paraense Emílio Goeldi, 1989).

Já o Museu Vai à Praia foi um projeto realizado no Museu inicialmente em 1988 por meio de uma parceria com o Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), localizado no Rio de Janeiro (Museu Paraense Emílio Goeldi, 1989). Ainda conforme o relatório, os educadores e voluntários do Goeldi e do MAST realizavam as atividades educativas nas praias do estado do Pará por meio da utilização dos kits de física e biologia do MAST. Porém, em 1989 os educadores do Museu Goeldi desenvolveram seus próprios kits didáticos com temas mais voltados à região amazônica e às diversas áreas de pesquisa da instituição com o intuito de despertar o interesse pela pesquisa científica ao público das regiões praianas do Estado (Museu Paraense Emílio Goeldi, 1989).

O relatório de 1991/1994 descreve a continuidade dos projetos, bem como a criação do projeto Museu Itinerante. Este, realizava a divulgação das pesquisas científicas e atividades educacionais fora da base física do Museu, sendo feito em outros municípios ou instituições do interior do Pará. Porém, destacamos que o relatório não traz muitas informações sobre o funcionamento destes projetos. Nesse período (1991-1994), a DMU foi coordenada por Waldinete Oliveira da Costa, e posteriormente, até o ano 1998, ficou sob a coordenação de Antônio Carlos Lobo Soares. Já o Serviço de Educação e Extensão Cultural, foi coordenado a partir de 1992 e durante 20 anos por Luiz Fernando Fagury Videira.

Em 1997 surgiu o projeto Clube do Pesquisador Mirim, que ainda é realizado pelo Serviço Educativo. De acordo com o entrevistado 1, a ideia do projeto surgiu após a permanência de seu idealizador em Manaus:

Pedido para ficar um ano e quatro meses lá. Aí eu criei um grupo, uma proposta chamada Pequenos Guias. Na verdade, eu trabalhava com uma psicóloga que era chefe do setor, então eu ajudava [...]. Ele me disse “você tem que arranjar uma pessoa para dar aula de noções de inglês, noções de higiene, da educação ambiental e relacionamento de relações com o público e a gente faz módulos para que eles participem desses encontros”. Fizemos reuniões com os pais, fizemos a seleção das crianças. E aí começaram os módulos até a implantação. [...] Conclusão, eu vim embora e o clube acabou. Mas quando eu saí eu disse “Olha, eu vou criar o clube no Museu” (Entrevistado 1, concedida em 2023).

Assim, foi criado o primeiro Clube do Pesquisador Mirim ainda em Manaus. Após a volta do educador para o Museu, este decidiu implementar o projeto no Museu Goeldi. Com isso, o projeto passou por uma série de mudanças até o ano 2000, como afirmou o entrevistado 1.

Com o passar dos anos, eu vi que a seleção para o Clube abria 20 vagas e o vigésimo primeiro não podia mais se inscrever, percebemos então que tinha que haver uma seleção. Inicialmente o Clube durava seis meses, porém percebemos que era pouco tempo, então decidimos expandir para um ano (Entrevistado 1, concedida em 2023).

O Serviço de Educação e Extensão Cultural, no período estudado, implementou diversos projetos educativos, muitos dos quais continuam sendo parte integral de suas atividades e outros que foram reformulados, tendo continuidade em outros projetos. Nesse sentido, destaca-se o Clube do Pesquisador Mirim, criado por um dos educadores que, uma década antes, havia participado do Clube de Ciências e Cultura. A Coleção Didática, iniciada também como projeto pessoal, com o propósito de formar acervos representativos das ciências do museu e o empréstimo de exemplares, sendo, atualmente, um dos projetos mais consolidados. O projeto O Museu Leva Ciência à Periferia, surgiu como demanda para atenuar o conflito entre os moradores da Terra Firme que foram contra a implementação do Campus de Pesquisa do Museu Goeldi. Extinto há anos, este projeto influenciou na criação do projeto Portas Abertas, que uma vez por ano abre o campus de pesquisa do Museu para visitação. E os projetos Museu Vai à Praia e Museu Itinerante, que já não existem, mas que foram os primeiros projetos de expressão de interesse da instituição por divulgar as pesquisas fora dos muros do Museu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na pesquisa, é possível afirmar sobre a importância das mudanças institucionais, assim como o apoio de instituições de caráter nacional e regional para o surgimento e a consolidação da Divisão de Museologia e a Divisão de Educação e Extensão Cultural. Por outro lado, percebe-se que o percurso da DEC, além dos primeiros condicionamentos, se configurou em função de projetos pessoais que puderam sintonizar com necessidades institucionais; de projetos que expressavam intenções de abranger novos públicos para a divulgação das pesquisas desenvolvidas no Museu, assim como também com intenções “salvacionistas”, visto que objetivavam amenizar conflitos criados pela própria instituição.

Por meio deste trabalho analisamos o percurso institucional do Serviço Educativo do Museu Paraense Emílio Goeldi nas décadas de 80 e 90, visto que, mesmo sendo um Serviço importante por realizar os projetos educativos com o público, nunca havia tido seu percurso institucional desenvolvido em uma pesquisa acadêmica. Assim, conseguimos entender a origem da Divisão de Museologia e da Divisão de Educação e Extensão Cultural, de como a equipe se organizava e quais projetos desenvolvia para o público. Nesse sentido, a presente pesquisa é entendida como uma primeira aproximação à construção da memória institucional do setor educativo e suas ações. Além de ser parte de um processo maior de pensar e repensar a equipe e suas práticas educativas em direção ao seu aperfeiçoamento frente aos problemas e desafios contemporâneos.

REFERÊNCIAS

CAZELLI, Sibebe., MARANDINO, Martha, STUDART, Denise Coelho. Educação e Comunicação em Museus de Ciências: aspectos históricos, pesquisa e prática. Rio de Janeiro: FAPERJ, **Editora Access**, 2003. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/844165/mod_resource/content/1/CAZELLI_MARANDINO_STU

[DART Educa%C3%A7%C3%A3o %20Comunica%C3%A7%C3%A3o em Museus de Ci%C3%AAn cia.pdf](#). Acesso em: 26 jan. 2024.

COSTA, Andréa; CASTRO, Fernanda; SOARES, Ozias. Por uma história da educação museal no Brasil. In: COSTA, Andréa; CASTRO, Fernanda; SOARES, Ozias. (org.). **Educação museal: conceitos, história e políticas**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2020. p. 15-40. Disponível em: <https://mauc.ufc.br/wp-content/uploads/2022/03/2020-educacao-museal-volume-3-paginas-1-87-1.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2024.

CHAGAS, Mário. Memória e Poder: dois movimentos. **Cadernos de Sociomuseologia**, v.19, n.19. 2011. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/367>. Acesso em: 26 jan. 2024.

CRUZ, Patrícia; SALVADORI, Maria Angela Borges. Educação em museus: entre conceitos e práticas. **Da Investigação às Práticas: Estudos De Natureza Educacional**, v.12, n.1. 2022. Disponível em: <https://ojs.eselx.ipl.pt/index.php/invep/article/view/301>. Acesso em: 26 jan. 2024.

CASTRO, Fernanda Santana Rabello. A construção do campo da educação museal: políticas públicas e prática profissional. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 3, n. 2, p. 90-114, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/40706>. Acesso em: 26 jan. 2024.

DESTAQUE AMAZÔNIA. No parque, as ciências ganham um novo colorido. Belém, n. 1, out. 1984. Disponível em: <https://www.museugoeldi.br/assuntos/publicacao/destaque-amazonia>. Acesso em: 20 jun. 2023.

DESTAQUE AMAZÔNIA. Kayapó, conhecimento etnobiológico em estudo. Belém, n. 18, mai. 1987. Disponível em: <https://www.museugoeldi.br/assuntos/publicacao/destaque-amazonia>. Acesso em: 14 jan. 2024.

ENTREVISTA 1. [mar.2023]. Entrevistador: Iván Borroto. Belém, 2023.

ENTREVISTA 2. [mar. 2023]. Entrevistador: Iván Borroto. Belém, 2023.

ENTREVISTA 3. [abr. 2023]. Entrevistador: Iván Borroto. Belém, 2023.

GONÇALVES, Terezinha Valim Oliveira. **Ensino de ciência e matemática e formação de professores: marcas da diferença**. 273f.2000. Tese (Doutorado em Educação)-Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2011/matematica/maio/tese_terezinha_valim_oliveira_goncalves.pdf. Acesso em: 26 jan. 2024.

KURY, L., B.; CAMENIETZKI, C., Z. Ordem e Natureza: coleções e cultura científica na Europa Moderna. **Anais do Museu Histórico Nacional**, v. 29, p. 57-85, 1997.

KÖPTCKE, Luciana Sepúlveda. Analisando a dinâmica da relação museu-educação formal. **CADERNO do Museu da Vida: o formal e o não-formal na dimensão educativa do museu**, v. 2002, p. 16-25, 2001. Disponível em: https://www.museudavida.fiocruz.br/images/Publicacoes_Educacao/PDFs/CadernosdoMuseudaVida2002002.pdf. Acesso em: 26 jan. 2024.

LUDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. **A Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. Editora EPU, São Paulo, 1986.

LIMA, Junior et al. Análise documental como percurso metodológico na pesquisa qualitativa. **Cadernos da Fucamp**, v. 20, n. 44, p. 36-51, 2021.

MCMANUS, P., M. Topics in museums and science education. **Studies in Science Education**, n. 20, p.157-182, 1992

MARANDINO, M. Museus de Ciências, Coleções e Educação: relações necessárias. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS Unirio/MAST**, v 2, n. 2, p. 1-12, 2009.

MARANDINO, Martha et al. A abordagem qualitativa nas pesquisas em educação em museus.

VIIEnpec, Florianópolis, p.1-12, nov. 2009. Disponível em:

http://moodle.stoa.usp.br/file.php/669/Microsoft_Word_-_pesq_qualit_museus_versao_interna.pdf.

Acesso em: 26 jan. 2024.

MACHADO, Maria Ioni Seibel. **O papel do setor educativo nos museus**: análise da literatura (1987 a 2006) e a experiência do Museu da Vida. 2009. 250f. Tese (Doutorado em Ciências)-Universidade

Estadual de Campinas, Campinas, 2009. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/31846>.

Acesso em: 26 jan. 2024.

MAZZOTTI, Alda Judith Alves; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O Método nas Ciências Naturais e Sociais: Pesquisas Quantitativas e Qualitativas**. Editora Pioneira, São Paulo, 1999.

MONACO. Luciana. **O setor educativo de um museu de ciências: um diálogo com as comunidades de prática**. 2013. 160f. Tese (doutorado – Programa de PósGraduação em Educação),

Faculdade de Educação – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013. Disponível em:

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-14102013-131236/pt-br.php>. Acesso em: 26

jan. 2024.

MONACO, Luciana; MARANDINO, Martha. A compreensão da prática educativa de um museu na perspectiva das comunidades de prática. **Museologia e Interdisciplinaridade**, v. III, n. 6. 2015.

Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/16730>. Acesso em: 26 jan.

2024.

MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI. Relatório de atividades: 1981. Belém, PA: MCT/CNPq; MPEG, 1981.

MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI. Relatório de atividades: 1984. Belém, PA: MCT/CNPq; MPEG, 1984.

MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI. Relatório de atividades: 1985. Belém, PA: MCT/CNPq; MPEG, 1985.

MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI. Relatório de atividades: 1986. Belém, PA: MCT/CNPq; MPEG, 1986.

MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI. Relatório de atividades: 1987. Belém, PA: MCT/CNPq; MPEG, 1987.

MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI. Relatório de atividades: 1988. Belém, PA: MCT/CNPq; MPEG, 1988.

MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI. Relatório de atividades: 1989. Belém, PA: MCT/CNPq; MPEG, 1989.

MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI. Relatório de atividades: 1995. Belém, PA: MCT/CNPq; MPEG, 1995.

MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI. Relatório de atividades: 1996. Belém, PA: MCT/CNPq; MPEG, 1996.

MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI. Relatório de atividades: 1991/1994. Belém, PA: MCT/CNPq; MPEG, 1994.

QUADROS, Helena do Socorro Alves. Experiência vivida no campo museológico: a educação museal na perspectiva prática político-pedagógica no Museu Goeldi. In: COSTA, Andréa; CASTRO, Fernanda; SOARES, Ozias. (org.). **Educação museal: conceitos, história e políticas**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2020. p.41- 50. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/348481720_Educacao_MusEal_conceitos_historia_e_politica_s_Historia_da_Educacao_Museal_no_Brasil_Pratica_politico-pedagogica_museal. Acesso em: 26 jan.

2024.

QUADROS, Helena do Socorro Alves. **Redescobrimo a Educação em Museus: uma experiência no Parque Zoobotânico do Museu Paraense Emílio Goeldi**. 2000. 238f. Dissertação (Mestrado em Educação) -Universidade da Amazônia, Belém, 2000.

SANJAD, Nelson. Emílio Goeldi (1859-1917) e a Institucionalização das Ciências Naturais na Amazônia. **Revista Brasileira de Inovação**. v.5, n. 2. 2006. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rbi/article/view/8648936>. Acesso em: 26 jan. 2024.

SANJAD, Nelson. A revitalização do Parque Zoobotânico do Museu Goeldi: em busca de uma nova relação com o público. **Museologia e Patrimônio**. v. I, n. 1. 2008a. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/15>. Acesso em: 26 jan. 2024.

SANJAD, Nelson. A comunicação e extensão no Museu Paraense Emílio Goeldi. **Comunicação & Educação**. v. 13, n. 2. 2008b. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/42407>. Acesso em: 26 jan. 2024.

SECCO, Maria Filomena F. Videira. Coleção Didática de Zoologia para alunos do 1 e 2 graus. **Ciências em Museus**, v.3.1991.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. “A era dos museus de etnografia” no Brasil: O Museu Paulista, o Museu Nacional e o Museu Paraense em finais do XIX. In: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves. (org.). **Museus: dos gabinetes de curiosidade à museologia moderna**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013. p. 119-143.

VAN PRAËT, M. Cultures scientifiques et musées d'histoire naturelle en France. **Hermès, La Revue**, n. 2, p. 143-149, 1996.

Submetido em: 23/03/2024.

Aprovado em: 14/11/2024.